

... e o mundo acabou, mais uma vez

edson passetti

1.

Não faltam narrativas sobre o fim do mundo. Deus criou o mundo e vai acabar com ele quando achar conveniente. E assim será. Está nos escritos religiosos. Soberano em sua vontade de verdade, ele criou o mundo e o homem à sua imagem. E do homem criou a mulher. E de ambos, o pecado: o desafio às interdições conhecidas para bem viver no paraíso.

Ciente que a razão do humano compreendia o proibido, ele descansou até que o seu exemplar-imagem, instigado pela curiosidade feminina provou o “fruto proibido”. Foram expulsos do paraíso. Passaram a ser um casal caminhando pelas paisagens e reproduziram a espécie. E desta reprodução, veio o fratricídio. E a Caim restou pagar punições pelo seu pecado. Construiu-se, a partir daí a família, a proibição do incesto, a reprodução humana...

Edson Passetti é professor Livre Docente no Depto. de Ciências Sociais e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP onde coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). Contato: edson.passetti@uol.com.br

Até que em um belo dia o mesmo Deus apareceu a Noé, depois de submeter Jó às mais terríveis provações de fé e a abjurar Sodoma e Gomorra, avisando que o mundo ia acabar. Noé fez a grande arca, juntou sua família e casais de animais e aguardou pelo grande temporal. Tudo alagou. A família humana e as dos animais em espécies vagaram pelas águas na arca até encontrarem um cais. E tudo recomeçou. O Deus soberano deu uma segunda chance.

Fez do seu povo judeu escravo dos egípcios, e este aguardou sua libertação pelo enviado Moisés a quem Deus destinou as tábuas sagradas dos mandamentos, guardadas em uma arca, a ser perdida tempos depois. Por desafiar a Deus, o povo foi condenado a vagar pela Terra sem jamais encontrar um lugar para se estabelecer. Até a fundação do Estado de Israel, depois da II Guerra Mundial.

Um dia, diante da escravidão romana, Ele fecundou uma mulher virgem casada com um marceneiro e dela nasceu seu Filho-Deus feito homem para passar pelas mais variadas provações de suplícios na carne e morrer por todos os homens em uma tarde ensolarada que se fez noite repentina. Conta-se que esse Filho torturado tinha poderes especiais: fez o primo leproso morto ressuscitar; em bodas de Canaã, na falta de vinho fez a bebida brotar da água e proporcionou um festão a estes pobres sem recursos; que certa vez andou sobre as águas, provocando admiração e alegria; que enfrentou corporalmente os comerciantes que fizeram do templo do Pai um mercado; que agitou com suas atitudes a emergência de grupos subversivos a Roma. O Filho trazia alegria à vida cotidiana e insubordinações aos que desrespeitavam as ordens do Pai. Roma, rapidamente, constatou que ali estava um sujeito perigoso. Julgou, atendeu aos pedidos do povo

... e o mundo acabou, mais uma vez

para libertar Barrabás e crucificou o Filho. Confronto de deuses. Dizem que Ele ressuscitou. Vieram os cristãos de catacumba afrontando Roma...

Bem, mas aí o mundo não acabou. Nasceu o cristianismo. Em três séculos, com o Edito de Milão em 313, veio a pacificação com o reconhecimento que a César cabia o que lhe era de direito e a Deus o que lhe era de direito. Cristãos e romanos formaram uma sólida aliança entre Estado e religião. E como o Filho pediu ao Pai perdão aos homens que erram, celebra-se desde então o perdão como o regime da dívida infinita dos perdoados.

2.

Não faltam narrativas sobre o fim do mundo. Conta a ciência que após o Big Bang apareceu a Terra no universo¹. No início estava envolta em neblina; aos poucos a vida biológica animal marinha aconteceu e a fez evoluir.

Atribui-se a um evento sideral uma catástrofe que acabou com quase toda (ou toda?) a vida biológica na Terra que congelou. Passaram-se milênios (milhões de; um cálculo impreciso, mas imprescindível) até que a vida biológica reaparecesse. Eis os enigmas das ciências.

O planeta foi tomado pelos animais em espécies que cooperaram entre si, interagiram com outras e disputaram espaços e ambientes. Muito tempo depois, no sítio, ocorreram as metamorfoses que deram no humano de hoje. E estes humanos, como nômades, começaram a vagar pela Terra, atravessando continentes em formação e mutações.

A ciência demarcou, ao seu modo, a aparição do homem em diversos espaços do planeta, com seus registros de pinturas em rochas que os arqueólogos trataram de articular dentro das evidências capazes de comprovar suas teorias sobre a espécie: sua organização, a família, a arte, a religião. O humano mostrava assim que pensava sobre a sua existência: uma vida projetada no passado que expunha o que ele era hoje sob o pensamento da ciência.

As reconstruções da ciência levaram o homem a ser o centro da vida competitiva na Terra. Ele é diferente e, ao mesmo tempo, irremediavelmente, a imagem do Criador. A causa inicial da existência do homem permaneceu vinculada à criação do universo pelo Senhor. E a vida na Terra, como era e é sua flora, fauna, animais e humanos, as sensações de calor e frio, cultura, passou a ser apropriação e sobrevivência, como vida nômade e a sedentarizada, a construção de povos e impérios, criação humana diante das intempéries da natureza, dos confrontos entre bandos e tribos sedentarizadas, entre estas na formação, defesa e expansão de seus territórios, e assim se explicou a vida naturalizada de guerras, escravos, de domínio de povos sobre povos, do que é de César. É a história das grandes conquistas de territórios, povos e *suas* culturas.

A ciência valeu-se do pensamento filosófico que lhe antecedeu e o complementou na explicação sobre os olhares e a recepção das imagens no cérebro, das linguagens, da justificativa acerca da natural proeminência do forte, dos registros meticulosos de seus cuidados aristocráticos cotidianos, dos modos de administrar escravidões, dos saberes sobre a navegação e dos mapeamentos do céu estrelado, dos ventos, marés e sonhos de atingir pontos inatingíveis ainda. Constitui uma objetivação do sujeito em gramática,

... e o mundo acabou, mais uma vez

filosofia e linguística; em economia das riquezas do sujeito produtivo; e de estar em vida pela biologia e a história natural. Depois dividiu o sujeito no seu interior ou dos outros (o louco e o são de espírito, o doente e em boa saúde; o perigoso e o normal) e compôs a vida do sujeito².

Construiu-se um saber desinteressado em função do humano como sujeito, um pensamento crítico a respeito da vida natural e social organizado pela filosofia para explicar também o sobrenatural, as relações até mesmo sexuais com deuses antes do monoteísmo, e os imperativos punitivos nas leis humanas e dos deuses. Na cultura ocidental as leis dos homens se consolidaram com os *gregos*, assim como os grandes registros das tragédias estamparam o que sempre rondou os homens de poder e seus descendentes.

A arte e a religião encontraram na arquitetura, nas esculturas monumentais a busca da perfeição matemática que projetou, simultaneamente, o ideal de perfeição humano corporal, de sua cidade e do Estado. Conquistadores, eles encontraram na filosofia a justificativa para diminuir seus inimigos derrotados à condição de animal. Fundaram a história das grandes guerras, do teatro trágico, do ideal de vida harmônica entre os que governam.

Mas com muita *propriedade* também foram capazes de sinalizar para os desmandos dos governantes e de seus assessores, redundando em degenerações de regimes políticos, capazes de fazer com que o ideal monárquico fosse adulterado em tirania ou mesmo em democracia. A filosofia também soube como mostrar a decomposição da aristocracia em oligarquia, da democracia em anarquia. A filosofia grega deu os parâmetros ao posterior pensamento científico mo-

verno, assim como muito antes norteou o cristianismo pelo neoplatonismo. E o mundo não acabou mais.

3.

As narrativas sobre o fim do mundo são narrativas sobre a criação do mundo. Sobre deuses e Deus, mandamentos e leis, costumes e culturas, dominações e vencidos, arte, ciência e religião, a proibição do incesto, a conquista de territórios inacessíveis, a vida do biológico, a vida dos homens superiores e suas culturas superiores e inferiores, as mulheres estranhas, a educação de crianças pelo castigo. E são as crianças e jovens que implodem os castigos à revelia³. Entretanto, o castigo aparece como o elemento capaz de ordem e pacificação na família, no social, na política, no reconhecimento científico de procedimentos corretos, no pensamento contra o que ele determina como impossível, do que sempre deve ser nominado, da existência do direito como o direito do vencedor a ser aplicado a todos. Do direito a punir. O homem diante do símio ficou ereto, mas não é a perfeição perpendicular; a Terra tem seu eixo central deslocado no século XX em velocidade de 0,9 cm ao ano (NASA, Laboratório de Propulsão a Jato), e a reta só é a menor distância entre dois pontos. Entretanto, o reto é o ideal de normal e todos devem se ajustar ao normal. E assim... em busca do ideal, a filosofia, a ciência e a religião demarcaram o território da utopia, coincidentemente em paraíso (perdido, restaurado, a ser alcançado) pelos sujeitos retos que serão finalmente retas matemáticas. Tudo em continuidade, evolução e competição em seu trajeto natural: o homem existe para melhorar sua existência, revisando seus erros, equívocos

... e o mundo acabou, mais uma vez

e excessos, aperfeiçoar-se. O homem é o soberano da razão e isso é o que o diferencia dos animais e o projeta aos extremos dos continentes e o impulsiona para ocupar o espaço sideral. O homem está destinado a ocupar os espaços da melhor maneira possível, aperfeiçoando arte, filosofia e ciência e sempre respeitando as imutáveis leis das religiões e as mutáveis leis dos próprios homens. O Homem passa a ser o humano universal em qualquer cultura do ponto de vista ocidental.

4.

O mundo acabou passa a ser a expressão do ideal de mundo e do mundo ideal. Morrer para ressuscitar. Viver para aperfeiçoar. Esperar pelo juízo final quando todos os cadáveres reaparecerão para o julgamento de Deus. A ilha dos bem-aventurados do sinistro Platão vira o território transcendental dos humanos que creem nesta religião ou em qualquer outra. Afinal, o juízo é final. A espécie morre e reaparece noutra espaço livre de pecados e sob as escoltas dos anjos. É só esperar o mundo acabar. Serão agora conhecidos os critérios de Deus? Eles coincidirão com os das religiões, das filosofias e das ciências com seus ideais. Ou o ideal nada mais é que a ilusão necessária e suficiente para que o soberano e as hierarquias permaneçam? Dizem que os cientistas são ateus, alguns agnósticos, outros declaradamente religiosos. Isso pouco importa no governo das condutas. Cientistas, filósofos e sacerdotes formam castas similares elitistas, superiores, privilegiadas. Dizem-se produtores de verdades desinteressadas, mas são encarnações e espíritos interessados.

“Alvaro Damián foi embora, e vinte dias depois minha filha veio me visitar e disse papai, eu não devia lhe dizer isso mas acho que é melhor que você saiba. E eu lhe disse: conte, conte, sou todo ouvidos. E ela disse: Álvaro Damián deu um tiro na cabeça. E eu disse: mas como Alvarito pôde fazer semelhante barbaridade? E ela disse: os negócios dele iam de mal a pior, estava arruinado, já tinha perdido quase tudo. E eu disse: mas podia ter vindo para o hospício também. Minha filha riu e disse que as coisas não eram tão fáceis assim. Quando ela foi embora, eu fiquei pensando em Álvaro Damián, e no prêmio Laura Damián que tinha acabado, e em todos os loucos de El Reposo, aqui, ninguém tem onde descansar a cabeça, e no mês de abril, mais do que cruel, desastroso, e então soube sem sombra de dúvida que tudo iria de mal a pior”⁴.

5.

Mundo é uma designação universal de Terra, resultante das imaginações criadas pelos homens, paisagens perdidas ou a serem encontradas; mundo é uma vastidão de valores a serem defendidos e criados para o ideal ou como constatação e conservação do real.

Este é o mundo, o universo; esse é o mundo da criança, do jovem, do adulto, do velho. Mundos que acabam na continuidade de cada ser vivo e que remete ao *novo* mundo a ser vivido e que aí está para ser seguido e aperfeiçoado. Mundo universo com o sistema solar na Via Láctea, mundo dos *buracos negros* constatados e pouco conhecidos; mundo dos planetas que terão ou não vida; mundo dos exoplanetas a ser mapeado; mundos todos eles conec-

... e o mundo acabou, mais uma vez

tados à Terra, ao humano, reto e ereto em sua viagem à estratosfera. Mundo do estar aí.

Mundo do selvagem a ser civilizado ou talvez preservado; mundo dos escravos que não eram escravos e que gerou um mundo confuso a cada um que foi escravo e sobreviveu; mundo dos humanos que passaram a ser vistos como animais; mundo dos bárbaros a serem também civilizados; mundo dos civilizados em direção ao ideal, ponto final evolutivo.

Mundo das culturas que dominam e se refazem constantemente; não há cultura sem trocas (mundo de cultura sem troca é o mundo racista). Mundo do indivíduo ensimesmado (“se meu mundo caiu/eu que aprenda a levantar”⁵), mundo do cuidado de si (“se meu mundo cair/eu que aprenda a levitar”⁶). Mundo de trocas desiguais para um mundo de trocas igualitárias sem ser o sonho da utopia? Mas aí não é mais mundo. E vieram tantos mundos: da medicina, da engenharia, dos gestores, da psicanálise, da sociologia, da história, da filosofia, da física, da bioquímica, da matemática, dos governantes, mundos, enfim, a serem aperfeiçoados. Mundo dos pervertidos, dos pedófilos, das putas, dos gigolôs, dos marginais, dos governados, dos insubmissos, dos revoltados. Mundo demais. Esse mundo acabou?

...

Construções de subjetividades mundo: vou fazer o mundo; sair para o mundo; mundo louco, muito louco; fora do mundo; mundo fashion; mundo, mundão, mundinho. Mundo designando o universo, agrupamentos,

comunidade, a sociedade, o que lhe escapa e pretende colocar para fora: mundos de dentro, mundos para fora, mundos de seres desaparecidos a serem achados ou jamais encontrados (corpos executados pela polícia política de tempos em tempos, pela polícia a qualquer momento).

As subjetividades compõem um imenso arquivo a respeito do indivíduo moderno, de suas práticas voltadas à suposta imensidão de seu mundo decifrável e algumas vezes, propositalmente, indecifrável e que propicia novas subjetivações capazes de ruir com as subjetividades individualizantes ou dividualizantes.

Mundo de conexão de mundos ativado pela propagação de direitos inacabados pelos seus portadores contemporâneos. Mundo dos ativistas, voltados para o melhor a ser alcançado por meio de uma conduta resiliente. Mundo resiliente que compõe o planeta resiliente, os povos resilientes, o indivíduo resiliente, por vezes, protagonista e outras vezes, um coadjuvante no grande teatro dos atores sociais convocados à participação contínua, pela comunicação constante. Mundo-internet.

Diz-se que a noção de mundo se esgotou; que o universal mundo deixou de existir como construção de uma alternativa. Isso quer dizer que a dicotomia velho-novo mundo; mundo desigual-igualitário; mundo livre-escravizado; mundo dos homens, patriarcal e fático-mundo feminino, e muitas outras dicotomias às quais os humanos se acostumaram desde a modernidade entrou em derrocada. Da mesma maneira, pensar uma síntese redentora já não seduz o pensamento filosófico e o político-revolucionário.

O mundo democrático contemporâneo fundado no pluralismo político e no multiculturalismo parece ter se

... e o mundo acabou, mais uma vez

firmado a tal ponto que cada vez mais fica pouco nítida a distinção entre direita e esquerda no parlamento. Estarão todos caminhando ao centro? Política como negócios de ocasião: econômica, cultural, compensatória. Tudo voltado para melhorar as condições de vida no planeta, as relações sustentáveis com a natureza, o meio ambiente, a segurança, os monitoramentos, as práticas de resiliência (a tal ponto que resistências já são analisadas como resiliência, o adaptar-se diante de uma adversidade e restaurar a condição anterior).

A racionalidade neoliberal atravessa todas as relações: na casa, nas ruas, no trabalho, no lazer, de modo interconectado. Ela exige cooperação entre capital e capital humano, democratização em geral das relações e nas empresas, aperfeiçoamentos genéticos constatáveis, investimentos em saúde e educação para um bom futuro capital humano, obediências, hierarquias e simultaneamente relações horizontais de poder, combinando o chamado *homo oeconomicus* e o sujeito de direitos (ou melhor, sujeito portador de direitos sempre inacabados) nas suas interfaces sociais, culturais e políticas.

Uma subjetividade democrática reveste todas as demais por meio da produção de portadores de direitos inacabados, monitoramentos entre si, filantropias como cuidado com os outros para que estes não permaneçam fontes, receptáculos ou propagadores de contaminações biológicas e sociais. Incentiva a auto-ajuda porque todo capital-humano visa ampliar seus rendimentos e acesso aos equipamentos sociais. Produz o protagonista a partir de seu ativismo em negócios sociais e culturais. É, de vez em quando, nos investimentos econômicos. É o empreendedor pleno.

O mundo deve ser um só para todos, como está, no seu atual estágio de evolução. Acabou de ser redefinido decorrente do evento globalização, mas, também, para honrar dicotomias foi redimensionado em altermundialismo (algo melhor, alternativo ao domínio financista globalizador). Se o desenvolvimento sustentável é a meta capitalista avançada na racionalidade neoliberal, há de haver, também, o desenvolvimento sustentável alternativo. E assim, ainda que a noção de mundo pareça ter sucumbido aos pluralismos de mundos dentro do mesmo mundo, mais uma vez a noção de mundo se fortifica. Há, agora, porque tolerar o mundo dos indígenas, o mundo dos diferentes (desde que pacíficos), e toda e qualquer forma de mundo pacificadora e pacificada. Até o mundo de indígenas não contatados deve ser respeitado. Porque a priori é um mundo pacificado porque resguardado. É um mundo dos que sobreviveram ao contato porque eram e são pacíficos. Ou, simplesmente, foram espertos em esgueirarem-se pelas florestas?

É preciso pacificar o mundo; acabar com a violência abusiva, reformar as polícias, reformar o direito penal, reformar e sempre reformar. Como a velha toada “é preciso reformar a prisão, mesmo sabendo que ela não serve aos seus propósitos, porque ela é fundamental para confirmar o medo entre todos e ser a expressão da necessidade de repressão”. Todos os esforços produzidos neste mundo contemporâneo são para pacificar, equacionar traumas, inibir perversões, acabar com corrupções. E não há nada mais pacificador do que relações democráticas estendidas da política para vida ordinária. É a democracia eleitoral com base no sufrágio universal combinada com a participativa por meio de movimentos sociais, organizações, institutos, fundações, organizações não-governamentais acionando,

... e o mundo acabou, mais uma vez

de forma presencial ou on-line, suas reivindicações para exame dos seus representantes no Parlamento e tribunais superiores. Vida em tribunal: um mundo que não mudou.

Mundo da democracia, da pacificação, dos ativistas, mundo resiliente, da nova política. O mundo do passado não acabou, apenas se metamorfoseia...

6.

Desde a descoberta do novo mundo, com a chegada dos europeus nas Américas, com o novo escravagismo, doenças, violências, usurpações, saques, sequestros, formou-se uma barreira humana civilizada que começou nas praias do Atlântico e, com o tempo, foi se deslocando para o oeste em busca de mais riquezas. O mesmo se deu na América do Sul quando os descobridores se instalaram pela costa do Pacífico. E a América Central viveu a compressão pelos dois lados pelo afunilamento territorial.

A exuberância encontrada nas paisagens repercutiu na cultura do exotismo, incluindo telas pintadas a óleo (insinuando ou explicitando o canibalismo), a pintura corporal, as vestimentas e os adornos plumários, as cerâmicas extraordinárias de diversos tamanhos, inclusive para acolher restos mortais, o uso do tabaco, do chocolate, e até mesmo as *peças* humanas levadas aos gabinetes dos reis, o *acolhimento* de crianças indígenas para educação nos seminários. Confiscar em todos os planos da existência para lhes dar fé, lei e rei. Provocar o redimensionamento mitológico destes povos, ou simplesmente, se inofensivos, deixarem-nos à contaminação mítica. Tratar estes mundos como mundos a serem governados. Estraçalhar!

Os povos destas terras, geralmente sem fé, sem lei e sem rei viram-se confrontados com fé, lei e rei. Com os soberanos superiores capazes de impor sua força aos superiores de aqui como incas, maias e astecas, impérios imediatamente subjugados pelos desbravadores do novo mundo. Fizeram escravos estes povos. Escravos e novas formas de escravagismo. Escravizar! E extorquir riquezas naturais, em ouro e prata, em especiarias e vivazes pássaros. Redefinir a dieta destes povos, invadir as relações de parentesco e sexuais, desmontar e rearranjar o pensamento mítico e a organização produtiva de caça e coleta, trazer doenças e mortes. Tudo e todos a serviço dos descobridores e de seus capatazes. Pacificação para não haver guerra e entendimento das populações locais sobre o que é fé, lei e rei.

Seria isso aqui o paraíso intocado que foi devastado? Para certos missionários sim. Até mesmo a Missão jesuíta no Paraguai, que tentou combinar dois mundos, acabou exterminada. Não, aqui não era o paraíso. Era somente mais um espaço a ser ocupado para o governo de Deus, dos Homens e dos Reis. E esta forma de governo se tornou efetiva quando os súditos passaram a se governar segundo os seus senhores. É o governo dos súditos pelos súditos que fortalece autoridades superiores, expropriações, submissões e punições e recompensas. Tudo revestido pela *natural* capacidade social de perdoar. Diante do imediato, diante do Tribunal da Santa Inquisição.

A dominação permanece intocável. Ou melhor, reformada e democrática. Os expropriadores reconhecem seus *pequenos* malefícios introduzidos no passado, agora traduzidos em medidas compensatórias. O mal ainda permanece sendo estes *outros*; está neles e precisa ser

... e o mundo acabou, mais uma vez

extirpado pelos fluxos compensatórios que facilitam seu acesso aos bens e instituições universais sob o regime da racionalidade neoliberal. Ela produz portadores de direitos inacabados distribuídos entre minorias numéricas (que muitas vezes são majorias) e amplia seu acesso aos produtos (econômicos, culturais, sociais, políticos, urbanos, farmacológicos, de saúde e escolarização...).

7.

Escravos sempre estarão na caverna e dela sairão para ver a luz que iluminará o que deverão ver, mesmo que seja a moral do escravo, como sublinhou Friedrich Nietzsche.

Escravos indígenas, pretos, dos gregos ou dos romanos, dos brancos, dos estadunidenses e dos portugueses/brasileiros com a proliferação do sarampo e da varíola... Ou são simplesmente indígenas, quase totalmente dizimados na “Conquista do deserto”, campanha do Gal. Julio Argentino Rocca entre 1878-1879, na Argentina. Ou vão lutar na Guerra do Paraguai como defensores da pátria brasileira dos herdeiros do descobrimento e da corte do Príncipe-Regente D. João, no país feito independente, reconhecido pelos estadunidenses democratas e escravagistas. Todos escravagistas. Tudo repercute nas palavras ácidas do abolicionista Henry David Thoreau, em *Slavery in Massachusetts* de 1854, quando questiona o dever de Estado de devolver ao proprietário alguém escravo mesmo que estivesse livre em um estado do país não escravagista. Anthony Burns fora declarado escravo fugitivo, segundo a Lei dos Escravos Fugitivos (*Fugitive Slave Act* de 18 de setembro de 1850⁷), resultante de acordo político entre latifundiários do sul e o *Free Soil Party* que durou de 1848 a

1852. Concluiu Thoreau: “A escravidão e a servilidade não produzem anualmente flores perfumadas, para encantar os sentidos dos homens, pois elas não têm vida real: são apenas uma decadência e uma morte, ofensivas a todas as narinas saudáveis. Não reclamamos que eles vivem, mas que não são enterrados. Que os vivos os enterrem: até eles são bons para adubo”⁸. Walt Whitman o completa, comentando os efeitos na carne da Guerra de Secessão⁹. Girava na América do Norte. Girava no Brasil, como na carta de Luiz Gama, abolicionista negro, para Lúcio de Mendonça, biógrafo, em 25 de julho de 1880.

“Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa do Marfim (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida, vingativa. Dava-se ao comércio — era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do Dr. Sabino, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856, em 1861, na corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube por uns pretos-minas [casta de negros sudaneses de Minas Gerais] que a conheciam e deram sinais certos, que ela, acompanhada de alguns malungos desordeiros, em uma “casa de fortuna”, em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como seus companheiros desapareceram. Era opinião de meus informantes que esses ‘amotinados’ fossem mandados para fora do governo, que, nesse tempo,

... e o mundo acabou, mais uma vez

tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores”¹⁰

...

“Fábio Lopes dos Santos Luz nasceu no dia 31 de julho de 1864 em Valença, pequena cidade situada às margens do rio Una, próxima à ilha de Boipeba, Bahia, conhecida como ‘a cidade industrial’, por conta de duas fábricas de tecidos, chamadas de ‘Fábrica de Cima’ e ‘Fábrica de Baixo’. Luz era negro, filho da professora Adelaide Josefina Lopes Luz e do escrivão Manuel dos Santos Luz, mais tarde funcionário da Receita da Fazenda de Valença. Na repartição em que seu pai trabalhava, Fábio Luz presenciou comércio de escravos ‘mediante a cobrança do imposto de transmissão do direito e propriedade’. O anarquismo, segundo ele mesmo, foi instintivo, diante de tanta injustiça e rebelar-se contra o Estado era a única alternativa. Engajou-se na luta abolicionista e na propaganda republicana, porém, desse último arrependera-se amargamente, pois presenciou apenas uma alternância de poder.

No ano de 1883, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e obteve distinção com a tese *Hipnotismo e Livre Arbítrio*. Mudou para o Rio de Janeiro, no ano de 1888, onde foi delegado de higiene na Freguesia de Santa Rita. Prestava auxílio à população suburbana, principalmente durante uma epidemia de febre amarela, e por seu empenho e dedicação, os moradores do bairro exigiram que a prefeitura desse o nome dele a uma das ruas. Foi na capital federal que conheceu Rita Tourinho Furtado, com quem se casou e teve cinco filhos e quatorze

netos. Ao lado de seu filho, Fábio Luz Filho, criou um estabelecimento de ensino chamado de ‘Ateneu’ e, posteriormente, o ‘Liceu Popular de Inhaúma’.

Além de médico, exerceu as atividades de escritor, jornalista e professor. Segundo Edgar Rodrigues, ensinava em sua casa, português e francês para os operários que pretendiam ler os jornais anarquistas europeus, em sua maioria vindos da Itália, França e Espanha, e também lecionava em colégios particulares. (...)

Publicou inúmeros livros, entre romances e crítica literária (...). Contribuiu com vários periódicos, em sua maioria anarquistas (...).

Fábio Luz considerava-se livre de qualquer dominação espiritual. Era um homem revoltado, contrário a toda forma de opressão. Em seu pequeno texto, ‘Dedicatória aos Baianos’, datado de junho de 1923, publicado posteriormente em *Estudos de Literatura*, criticava seus conterrâneos que se achavam livres pela emancipação da colônia portuguesa, mas que, no entanto, sucedeu um novo domínio por “mãos mais hábeis”. Sinalizava para a independência nacional como uma falsa libertação¹¹.

Enfim, dirigindo-se a Astrogildo Pereira, chefe do Partido Comunista, dispara:

“Se o Sr. Astrogildo não me conheceu nas lutas libertárias, queixe-se de sua ignorância ou de sua má fé, pois bem sabe que o primeiro romance publicado no Brasil com francas tendências anarquistas, em 1903, foi *O Ideólogo* de minha autoria, numa época em que se fundava a ‘Univer-

... e o mundo acabou, mais uma vez

sidade Popular Livre' e anarquista. Em que se editavam, *O Amigo do Povo*, *Kultur*, etc., já com a minha colaboração”¹².

8.

Mundo dos paliativos da escravidão, já suficiente para ser descartado contíguo às migalhas recebidas ao longo do século XX e nestas duas primeiras décadas do século XXI.

Canto feliz do livre. De amigos, das saudáveis más companhias:

“Meus amigos são uns vagabundos
Exibem-se sem pudor, bebem aos montes
Não dão bolas para instruções
E zombam de questões importantes.

Meus amigos são uns sem vergonhas
Que apalpam o traseiro das senhoras
Que espiam pelas fechaduras dos banheiros
E são postos a pontapés fora das festas.

Meus amigos são uns folgados
Que mijam no meio dos caminhos
Respondem sem que lhes perguntem
E apostam sem ter dinheiros [à brinca].
Minha santa mãe
Dizia:
“Cuidado, Juanito,
com as más companhias”

Por isso é que meus amigos
Os meço com uma vara lisa
E os tenho muito queridos,
São o melhor de cada casa.

Meus amigos são uns malfeitores,
Convictos de apanhar sonhos no ar
Que aplaudem quando o sol nasce
E me abrem seus corações como as flores.

Meus amigos são sonhos imprevistos
Que buscam suas pedras filosofais,
Vagando por sórdidas periferias
Onde descem os deuses sem serem vistos.

Meus amigos são pessoas atenciosas
Que acodem quando sabem que eu espero
Se lhes roça a morte, disfarçam.
Pois para eles a amizade vem primeiro”¹³.

...

2020. Um silêncio. (pelos fluxos da internet e das mídias televisivas começa a aparecer o “respire, mas não pira!” e o “respire, inspire, não pira!”). O ato de respirar com sua sonorização própria é um silêncio perante a mecânica da respiração despercebida numa comunicação excessiva de palavras, na comunicação por imagens que gera entendimentos ou ato contínuo de pensar com o discurso. Mas não o é no sexo.

Exagero de comunicação contínua, contaminando também o enunciado que recomenda respirar e não pira.

... e o mundo acabou, mais uma vez

Respirar para alcançar um estado de desligamento, sossego, apaziguamento das coisas vindas de fora. Por conseguinte, respire, silencie, não pire! Silenciar como ausência de ruídos, ou simplesmente concentração na respiração para encontrar um estado de desligamento temporário do ser. O outro enunciado acopla “inspire” e estabelece um trajeto que vai do aspirar o ar para o pulmão, reforçando o respirar em silêncio, à concentração pessoal no ato de inspirar o ar para depois expirar, compor um ritmo pessoal na respiração que contorne, evite e ultrapasse o “não pire”. Uma respiração equilibrada para se obter um estado que impeça o de “pirar”. Mas, na língua portuguesa, inspirar também é causar inspiração a; sugerir. É disseminação de uma prática de paz de espírito recomendada para se encontrar um lugar a ser pacificado por si mesmo diante das adversidades. É uma prática de resiliência, nos termos de auto-ajuda. O sentido teológico de inspirar, também lhe está conectado. É o de iluminar o espírito, voltado à restauração de um estado anterior alcançado pela desventura e que proporciona o bom repouso, a superação do temporário estado de transtorno: inspire-se. Encontrar no estado de tranquilidade obtido, a força interior renovada para inspirar-se, guiar-se. A meta do respire, inspire, não pire! é a de ajustar o equilíbrio são entre corpo e mente. É dar e receber inspiração. Constata-se que “inspire” também está relacionado a programas de fisioterapia¹⁴. As causalidades produzidas pelo *fora* serão facilmente equacionadas, pela vontade de estabilidade de cada um pelo equilíbrio reencontrado *dentro de cada um*. Uma prescrição para se adaptar às adversidades, a formação de um eu psicológico estável e participativo, uma subjetividade moderada.

Não se trata, enfim, do silêncio levando a uma pausa concentrada na respiração para produzir um vacúolo de não-comunicação, como situara Gilles Deleuze¹⁵, algo produzido pelos efeitos exteriores acionando uma ética *de* e que abale a conduta individual esperada pela moral. Um instante para se compreender o início da política, de uma nova política ou de práticas antipolíticas¹⁶. Um abalo nas subjetividades consolidadas e em conformações reviradas por práticas de subjetivações que provocam uma relação outra entre fora e dentro. Deslocamento da causalidade para os múltiplos efeitos, que em lugar da pacificação agita potências de revoltas. Portanto, respire e pire! Resposta imediata ao não pire. Mas isso seria pretender encontrar uma solução com base na inversão da dicotomia pire-não pire? O jargão “pire” situa o momento de reconhecimento de perturbações ao exterior. Atiça contrapositionamentos ou mesmo antipositionamentos; é expressão resistente ao normal, ao *suposto* novo normal, às normalizações incessantes esperadas. Respire, agora, é uma atitude de basta à velocidade e ao ofegante estado das coisas. O silêncio não é mais sinônimo de ausência de ruídos, mas rompimento com a convenção do silêncio e, por conseguinte, o de silenciar o outro que não segue as prescrições¹⁷. Diante das imposições da boa conduta, o intempestivo da atitude de revolta¹⁸. É a revolta que nos fez diferente dos animais¹⁹. É a conformidade, que nos põe no mesmo lugar dos animais domesticados.

Silêncio. Respire. O objeto mais distante do sistema solar, além de Netuno, recebeu em o nome provisório de 2018 VG18 e foi apelidado de “Farout”²⁰, em 17 de dezembro de 2018, pela equipe do Minor Planet Center da Universidade de Harvard²¹ e confirmada pelo

... e o mundo acabou, mais uma vez

Observatorio Las Campanas de Carnegie, no Chile. O universo não tem fim, está em expansão. O mundo dos ajustados, conformados e moderados tem. Mundo finito como ideal e real, mundo finito como produção de verdade que repousa no eventual infinito ditado pelo apocalipse, o juízo final e o Criador no Paraíso.

9.

O Criador vingou-se do sexo e expulsou Sua imagem e a companheira do Paraíso. Vieram o fratricídio e o incesto. Insatisfeito, tempos depois, Ele inundou a Terra e deu a Noé a tarefa de salvar os animais e sua família. Novamente, um filho se desgarra para peregrinar como Caim; inevitavelmente, adveio o incesto para repovoar a Terra. Depois, segundo os antropólogos, os homens criaram a interdição do incesto para que houvesse cultura. Incesto, no *mundo moderno*, passou a ser crime, atentado à moral. Penitência: pena imposta à expiação do erro. Penitência e prisão modernas, estreitamente relacionadas no interior do funcionamento seletivo do sistema penal, fundado no direito penal. A vida comprimida em penalidades, punições, vigilâncias, normalizações, monitoramentos sob o olhar do pastor. Dentro e fora das prisões e pelo direito penal.

...

O mundo da moral entrou em questionamento e não é de hoje. Não se trata de conceber outro mundo com outra moral. Esse é o círculo vicioso, ou a espiral que não finda em sua transcendentalidade; está em jogo a perpetuação da

Ideia, do Espírito, ou da suposta materialidade do espírito. Corpo-alma indissociáveis. Evidentemente construções hierarquizadas de submissão do corpo à alma.

Não se trata de opor esse mundo a outro mundo. Não há mais mundo, a não ser como vida restrita, dicotômica, saudosa ou esperançosa, ambas supostamente deslocadas do real, mas fortificadoras deste real-ideal. São produções de verdades reiteradas de uma coisa ou outra, ou na pior das hipóteses o conformismo com a situação atual. Espera-se que cada um seja democrático, moderado, tolere os extremos do leque pluralista e livre-se do que estiver fora deste abano.

Em tempo: o fascismo é parte inclusiva do leque pluralista pela sua capacidade de tolerar suas práticas, e por outras vezes, recomendar as devidas punições por exacerbar contra a legalidade do Estado de Direito. O fascismo é tolerado, como o foi no passado pelas democracias liberais, a ponto de ser apoiado contra a efetividade radical da Revolução Espanhola, ou mesmo como regime político convivendo com as democracias liberais no pós II Guerra Mundial, na Espanha, em Portugal... No Brasil do pré-Estado Novo a Ação Integralista Brasileira foi incentivada para depois ser proibida; durante a ditadura civil-militar esteve presente como conservadorismo católico antes do golpe de Estado e durante a programática de desenvolvimento e de redimensionamento institucional para uma passagem pacífica para a democracia. As práticas fascistas cotidianas foram toleradas nas ditaduras latino-americanas entre os anos 1960-1990. E até hoje, são protegidas e toleradas pelas polícias com as quais mantêm sólida conexão. Eventualmente são intimadas pelos tribunais com o intuito de restringir seus excessos,

... e o mundo acabou, mais uma vez

em nome de uma possível nova pacificação política em favor da democracia.

Desde a segunda metade do século passado não foram poucos os movimentos fascistas na sociedade civil que ganharam estatuto de partido político nas democracias liberais, sob a racionalidade neoliberal, como na Europa. O fascismo é uma prática inclusiva nas democracias; é parte constitutiva das suas exceções. O desfazer-se de práticas fascistas não se efetiva com práticas democráticas ou socialistas²².

Segurança do Estado não se resume aos dispositivos diplomático-militares, aos policiais, às instituições repressivas e de reclusão e à aplicação de leis e exercícios do tribunal. Ela depende de políticas compensatórias, das normas, das práticas do pastorado cristão e laico, do modo como os súditos se governam. A segurança depende do modo como se educam crianças e jovens para obedecer e para transgredir em função do aperfeiçoamento de normas e leis. “Como sempre, também dessa vez ele não sonha, mas seu sono é bem tranqüilo”²³.

10. Não haverá por que não havendo o zero, nada de dez, de absolutos.

11.

“Wednesday morning at five o'clock
 As the day begins
 Silently closing her bedroom door
 Leaving the note that she hoped would say more
 She goes downstairs to the kitchen

Clutching her handkerchief
Quietly turning the backdoor key
Stepping outside, she is free

...

Friday morning, at nine o'clock
She is far away
Waiting to keep the appointment she made
Meeting a man from the Motortrade
She (what did we do that was wrong)
Is having (we didn't know it was wrong)
Fun (fun is the one thing that money can't buy)
Something inside, that was always denied, for so many
years
She's leaving home, bye, bye"²⁴

...

Para onde ela irá? Sabe-se lá, apenas foi. Saiu. Não se trata de saber se ela saiu da casa dos pais em busca da felicidade, mas da saída. Para a maioria? Seria estultice. Sair, escapar, ir possivelmente como andarilha. A canção não nos dá a chave previsível que abre a porta para a saída certa ou para a melhor. Aquele mundo acabou para ela às 5 horas da manhã e estará muito longe às 9 horas. Nunca se saberá se houve um eterno retorno ao mesmo ou se ela ainda está por aqui, ou se já esteve espargindo suas perturbações e atitudes.

... e o mundo acabou, mais uma vez

12. Uma dúzia, doze horas (meio-dia ou até midnight)

Para as novas canções populares do século XXI contra os mundos que caíram, renasceram, foram deixados para trás; mundos ideais, as concepções e abortos de mundo, mundo novo admirável ou novo mundo conquistado.

Para poesias outras, artes da existência, experimentações libertárias, livres do mofo, das igrejas, do certo e de moral, incertas, com um sonoro não aos perdigotos do momento, da moda, da modulação.

Para dar um fim aos protagonismos, autorias, lideranças, ativistas, condutores; às hierarquias como um Antonin Artaud revisitando a comunicação contínua da Internet e dos aplicativos, para dar um fim ao juízo de Deus e Homem. “No se puede ser creativo seguindo un programa”²⁵. “Cópias também podem agradar, mas apenas da singularidade brota o que tem grande valor”²⁶.

Nada de securitizações alimentares, ambientais, repressoras, monitoráveis governando as condutas resilientes. Nem representação, nem convocação à participação, democracia dos diferentes no leque pluralista da restauração e renovação das democracias liberais. Nada mais de racionalidade neoliberal e capital humano inovador, democrático, moderado, empreendedor e seus *cares*. Nada de ONGs e derivados. Nada de niilismo, isso é sossego de humanitaristas melancólicos.

“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio”²⁷

Uma dúzia de silêncios que provoquem pensamentos com seus ruídos próprios. Um militantismo à solta, cínico, escandaloso, inominável, libertário.

Notas

¹ Ondas gravitacionais: ainda há muito para ouvir. In Observatório Ecopolítica, na o 1, n. 5 fevereiro de 2016. Disponível em www.pucsp/ecopolitica/observatorio-ecopolitica/n5.html

² Michel Foucault. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

³ Salete Oliveira. “Aprisionamento de jovens, revoltas, fugas e o indomesticável” in Margareth Rago e Silvio Gallo (orgs). *Michel Foucault e as insurreições. É inútil revoltar-se?* São Paulo, Intermeios, 2016.

⁴ Roberto Bolaño. *Os detetives selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 309-310.

⁵ Maysa Matarazzo. “Meu mundo caiu”, 1958.

⁶ José Miguel Wisnik. “Se meu mundo cair”, 1993.

⁷ American Battlefield Trust. “Fugitive Slave Act”. Disponível em: <https://www.battlefields.org/learn/primary-sources/fugitive-slave-act> (acesso em: 12/03/2020).

⁸ Henry David Thoreau. “Slavery in MassachusettsB. 1854. Disponível em http://www.africa.upenn.edu/Articles_Gen/Slavery_Massachusetts.html (acesso em: 12/03/2020).

⁹ Walt Whitman. *Dias exemplares*. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo, Carambaia, 2019.

¹⁰ Sergio Rodrigues (org). *Cartas brasileiras*. São Paulo, Cia das Letras, 2017. p. 28.

¹¹ Gustavo Ramus. *Anarquismos, cristianismo e literatura social no Brasil (1890-1938)*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2011, pp. 137-139; 143.

¹² Idem

... e o mundo acabou, mais uma vez

¹³ Joan Manuel Serrat. *Las malas compañías*. Tradução de Edson Passetti. verve, São Paulo, nu-sol, n. 19, 2011, pp. 113-114. Disponível em: http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/01/verve19.compressed_compressed.pdf

¹⁴ Faculdades Inspirar. “Ser mais é nossa inspiração”. Disponível em: www.inspirar.com.br (acesso em: 18/06/2020). Incluindo: MBA e Pós-Graduação, Formação e Extensão; Graduação Presencial; Graduação EAD; Eventos Inspirar e Inspirar Gourmet, com seus variados cursos on-line anunciado no cabeçalho “Cozinhando para o Mozão. Escolha um dos nossos 2 menus, receba todos os ingredientes frescos, cortados e na porção correta + aula de preparo”.

¹⁵ Gilles Deleuze. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle” in *Conversações (1972-1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 1992.

¹⁶ Acácio Augusto. *Política e antipolítica: anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP, 2013.

¹⁷ Gustavo Simões. *O desconcerto anarquista de John Cage*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP, 2017.

¹⁸ Michel Foucault. “É inútil revoltar-se?” in Manoel B. Da Motta (org). *Ditos e escritos V*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro, Forense, 2004, pp. 77-81.

¹⁹ Mikhail Bakunin. *Deus e o Estado*. São Paulo, nu-sol/Imaginário, 1999.

²⁰ “Harvard Astronomers Discover Planet Farout”. Disponível em: <https://www.americaninno.com/boston/in-the-know-newsletters/harvard-astronomers-discover-planet-farout-woman-sues-trader-joes-newsletter/> (acesso em: 10/11/2019).

²¹ IAU Minor Planet Center. Disponível em: <https://minorplanetcenter.net/iau/mpc.html> (acesso em: 10/11/2019).

²² Michel Foucault. “Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista” in Peter Pál Pelbart; Suely Rolnik (orgs.). *Cadernos de Subjetividade. Gilles Deleuze*. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo, Núcleo de Pesquisa de Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, v. 1, 1993, pp. 197-200.

²³ Franz Kafka. *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*. Tradução de Marcelo Backes, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018, p. 16.

²⁴ John Lennon e Paul McCartney. “She’s leaving home”, 1967.

²⁵ Witold Gombrowicz. *Peregrinaciones argentinas*. Ciudad Autonoma de Buenos Aires, El cuenco de plata, 2016, p. 54.

²⁶ Robert Walser. *Absolutamente nada*. Tradução de Sérgio Telarolli. São Paulo, Editora 34 Ltda., 2014, p. 104.

²⁷ Caetano Veloso. “Um índio”, 1977.

... e o mundo acabou, mais uma vez

Resumo

O cristianismo, a ciência, todos se apoiam sobre seus mitos de origem. No mundo democrático contemporâneo, a racionalidade neoliberal atravessa o pluralismo dos mundos. O ativismo resiliente e democrático comporta representantes à direita, à esquerda e os fascismos. Afirmando outras existências libertárias um militantismo escapa.

Palavras-chave: neoliberalismo, democracia, militantismo.

Abstract

Christianity, Science, all of them rely on their origin myth. In the contemporary democratic world, neoliberal rationality runs across worlds' pluralism. The resilient and democratic activism comprises representatives through the right, through the left, and fascism. Against it, there is a militantism that escapes.

Keywords: neoliberalism, democracy, militantism.

... And the world has ended, one more time, Edson Passetti

Recebido em 1 de março de 2021. Confirmado para publicação em 5 de abril de 2021.